



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 5, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.27>

Recebido em: **03/09/2020**

Aprovado em: **04/09/2020**

ELAS VERSAM SOBRE GÊNERO, CLASSE E RAÇA/ETNIA : ESCRITOS FEMININOS  
INTERSECCIONAIS THEY VERSE ABOUT GENDER, CLASS AND RACE / ETHNICITY:  
INTERSECTIONAL FEMALE WRITINGS

LUCIANO HENRIQUE DA SILVA AMORIM

<https://orcid.org/0000-0002-7287-2575>

PAMELA TAMIRES BEZERRA FERREIRA DA SILVA

<https://orcid.org/0000-0003-0486-6197>

RESUMO: O presente estudo é oriundo de uma dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Partimos de uma pesquisa bibliográfica de categorias substanciais com percepções interseccionais: classe, gênero e raça/etnia. Tais categorias são cruciais para os estudos sobre a diversidade e equidade social ainda mais quando o embasamento teórico emerge da necessidade de dialogarmos com mulheres autoras como Emma Goldman (2010) , Chimamanda Ngozi Adimchie (2014), Heleieth Saffioti (200), Angela Davis (2013), Louro (2011), entre outras autoras que discutem a temática proposta e contribuem para a reflexão da descolonização de práticas machistas e androcêntricas na sociedade e nas próprias pesquisas científicas

ABSTRACT: This study comes from a master's dissertation linked to the Graduate Program in Education at the Federal University of Alagoas. We started from a bibliographic search of substantial categories with intersectional perceptions: class, gender and race / ethnicity. Such categories are crucial for studies on diversity and social equity even more when the theoretical basis emerges from the need to dialogue with women authors such as Emma Goldman (2010), Chimamanda Ngozi Adimchie (2014), Heleieth Saffioti (200), Angela Davis ( 2013), Louro (2011), among other authors who discuss the proposed theme and contribute to the reflection on the decolonization of macho and androcentric practices in society and in the scientific research itself

## 1. Convite ao diálogo: mulheres e autoras

Para nos aprofundarmos nas relações de classe e os contextos econômicos, gostaríamos de convidar para este diálogo **mulheres**. Sim, ao longo de minha formação acadêmica e extra-universidade, me deparei com um referencial androcêntrico e branco que se reporta sobre a categoria classe e as discussões sobre gênero e interseccionalidade. São teóricos de suma importância para a busca no entendimento de diversas realidades, mas, a história nos proporcionou (e proporciona) inúmeras **produções de autoras**, que, escreveram sobre classe e que lutaram na transformação das relações de sociabilidade. Além disso, suas experiências e saberes foram negligenciados por uma cultura científica falocrática, portanto, como figuras de um currículo social e subalterno convocadas enquanto contributo crucial à nossa escrita.

Nos percursos textuais e teóricos apresentados aqui neste estudo, a categoria aprofundada neste artigo é basilar para a compreensão da proposta da pesquisa e da análise da realidade a qual se monta o palco social que estamos a caminhar.

Um olhar interseccional ganha *corpus* nesta pesquisa a partir da importância de discutir empiricamente a realidade de mulheres que, circundada territorialmente pelos preceitos da meritocracia, do racismo e da violência, vivencia as opressões de **classe, raça/etnicidade e gênero** pelos seus próximos e também pelo preconceito que vem de longe.

Portanto, gênero, por exemplo, não tem como ser suscitado como uma categoria singular, muito pelo contrário, o gênero só é gênero devido as suas intersecções com classe, raça e a própria constituição de gênero e suas opressões a partir do machismo e sua consolidação como cultura padrão e de respeito. No intuito de elaborar uma discussão histórica e conceitual, este trabalho tem como objetividade provocar reflexões sobre estes *corpus* na pesquisa e como estas ideias-força nos acompanham na história e nas relações contemporânea.

### **Mulheres e classe social**

Dentro de um paradigma ocidental, classe sempre esteve correlacionada com economia, vide um olhar mais ampliado para esta economia e suas dinâmicas históricas. O próprio termo economia advém do radical grego *oikós* que quer dizer “casa”. Ou seja, a cultura da casa e suas correlações de família e sociedade orquestram a economia, e consequentemente, a classe.

Através da dinâmica histórica global e suas distorções locais, os aspectos grupais, coletivos e de classe criam seus arranjos próprios. Porém, com o advento do capitalismo no século XIX, há uma superestrutura nos modos de produção e de vida, o que nos leva a entender que, este modelo a qual estamos submetidos é responsável por redigir processos sociais e identitários, porém, não determinante em meio a uma cadeia de opressões que também foram alicerçadas historicamente.

Antes de tudo, o conceito de classe surge em um turbilhão de processos históricos de demarcação de territórios, sentimentos de posse (do espaço e do humano), exploração, trabalho e aproximação tribal/cultural. Porém, a sociedade constituiu suas relações de opressão e conseguiu aglutinar processos de domínio e de poder em sua constituição. Emma Goldman (2010) anarquista lituana que combatia o puritanismo e dominação masculina sobre a mulher nos escreve que:

É pelo indivíduo, verdadeira bitola social, que se mede o nosso grau de civilização; pelas suas faculdades individuais, pelas suas possibilidades de ser livremente o que ele é; de se desenvolver e de progredir sem intervenção da autoridade coerciva e onipresente. Socialmente falando, a civilização e a cultura medem-se pelo grau de liberdade e pelas possibilidades econômicas de que desfruta o indivíduo; pela unidade e pela cooperação social e

internacional, sem restrição legal nem outro obstáculo artificial; pela ausência de castas privilegiadas; por uma vontade de liberdade e de dignidade humana; em resumo, o critério de civilização, é o grau de emancipação real do indivíduo. (GOLDMAN, 2010, p.19)

Ou seja, o que a autora nos atenta é o fato de que a realidade e as condições materiais são transformadas e significadas pelo indivíduo na sociedade. Esta relação permanente de se conhecer enquanto indivíduo e coletivo é algo próprio de nós humanos, e que, suas configurações dependem das relações de liberdade, autonomia e ação permanente contra todas as formas de domínio (opressão) que se encarnam através de estruturas como o Estado, o capital e a retroalimentação da ideia de uma divindade legisladora de tudo e todos. Portanto, é necessário entender que classe está ligada a um conceito de exploração, alienação e opressão em que a sociedade constituiu-se, e que Goldman (2010) já se esforça na contraposição deste modelo constitutivo de classes e sociedade.

Além disso, a ideia de indivíduo nos é convidativa e curiosa para a discussão sobre classe, pois, a militante se esforça para a seguinte observância: a sociedade e suas classes têm através de seus indivíduos peculiaridades individuais, mas, que ganham corpo coletivo na luta de classes. Por mais que Emma Goldman não tenha se debruçado no aprofundamento destes aspectos, podemos afirmar que ela já se atentava para as diversas formas de opressão que estão para além das relações econômicas.

A ideia e terminologia do termo classe na maioria das vezes suscita a lógica da homogeneização. Porém, proponho que pensemos a classe como algo que não é homogêneo, mas, bastante heterogêneo e hegemônico, repleto de disputas, interesses e relações de poder. Isto é imprescindível para o diálogo com esta pesquisa, uma vez que, as normas totalizantes de análises da realidade e de verdade podem interpelar algumas observações.

Sobre estas diferentes relações no contexto de classe, que ganha demarcações econômicas, mas não apenas, um dos processos revolucionários que mais nos ensina sobre isso foi a Revolução Espanhola de 1936. Este processo de revolução armada surge como um levante do povo espanhol, e, redefine muito sobre a cultura popular ibérica. Porém, não são apenas as transformações econômicas que irão definir as demais relações de opressão, e com isso, a própria esquerda também se enquadrava dentro de um perfil de “sujeito revolucionário” proletário, falocêntrico, branco e burguês. Neste sentido, a organização chamada Mujeres Libres, na qual, destacam-se por seus escritos as militantes Amparo Poch y Gascón, Lucía Sánchez Saornil e Federica Montseny, exibem as relações de opressão dentro de uma classe já tida como oprimida. Logo, os homens que se dizem lutar contra a opressão de classe e exploração econômica, nos oprimem e nos reduzem enquanto mulher. Em um de seus jornais, a organização evidencia que:

Você pode conceber um burguês dizendo que há que emancipar os trabalhadores? Pois, se você acredita que o anarquista, enquanto homem pode oprimir a mulher, tal como o burguês o assalariado, então será absurdo ouvi-lo gritar “há que emancipar a mulher”. E se gritar, como não dizer-lhe “comece por você mesmo”? (RAGO, 1935, p.40)

Este excerto de um jornal construído pelo coletivo feminista já citado, evidencia as contradições dos espaços de classe que ocupamos, mas, ao mesmo tempo, sem perceber as reproduções e discursos que produzimos em meio às contradições. Ou seja, a dimensão do machismo como uma forma de opressão é policlassista e se encontra tanto na burguesia como na classe oprimida (trabalhadoras/es, pobres, desempregadas/os, donas de casa). Logo, as classes se configuram como um agrupamento social, econômico e cultural, que em sua história demarcam identidades coletivas, e estas, por sua vez, são acompanhadas de teias de poder e opressão.

Mas, na sociedade de classes, há outro elemento constitutivo da norma do capital: o trabalho. Com isso, trago o trabalho não como componente determinante das relações sociais, mas como categoria ontológica e constitutiva deste ser. Além disso, saliento que este trabalho também ganha configurações ao longo da história, e, com o advento do capitalismo, uma das ações necessárias para que a classe oprimida e trabalhadora firmasse seu status de submissão foi o sexismo, e portanto:

O trabalho concedido nas condições do capitalismo é brutalizante. O trabalho concedido é não criativo e não alienável. E com tudo isto- devemos unir-nos às nossas irmãs- até aos nossos irmãos – para desafiar o capitalismo até ao ponto da produção. Como trabalhadoras, como ativistas, as mulheres podem encetar a luta contra a manutenção e beneficiamento do sexismo que é o monopólio do sistema capitalista. (DAVIS, 2013, p. 169)

Esta classe trabalhadora produz além de riqueza para as patronais, uma cisão de quem manda e obedece, bem como, uma nova fração servil: a **mulher**. Deveras, a naturalização da opressão sobre a mulher entre a classe oprimida tem como respaldo os anseios do capital e a necessidade básica que os trabalhadores têm para sobreviver.

Se percebermos que a constituição econômica, as relações de direitos, opressões, exploração, violência e polaridades são ideias-força da categoria classe, logo, compreendemos que não é possível trabalhar sob uma ótica unívoca acerca deste conceito. Porém, verificando as nuances que se potencializam no capitalismo, a autora sul-africana Deirdre Hogan (2009) amplia o debate evidenciando mais uma categoria que constitui a classe: as hierarquias.

Uma sociedade com outro tipo de sociabilidade, relações horizontais e sem classes sociais demarcadas pelo domínio é o que almejam os movimentos classistas. A autora que também se coloca no campo da militância social afirma que:

Há claro, toda uma gama de coisas dentro desta definição de sociedade de classes, e a classe trabalhadora em si mesma não está composta por um grupo homogêneo de pessoas, mas inclui, por exemplo, trabalhadores sem especialização assim como a maioria do que comumente se denomina classe média, e pode haver grandes diferenças em ingressos e oportunidades para diferentes setores da classe trabalhadora definida amplamente (...). Este conflito de interesses e a exploração de uma classe por outra classe minoritária é inerente a sociedade capitalista. (HOGAN, 2009, p. 4; 5).

Na trama do sistema capitalista, é de interesse do capital que haja o não reconhecimento da classe pobre, trabalhadora e oprimida como classe, ou seja, reproduzindo e fortalecendo um ideal padrão de vida, e, estigmatizando os papéis que foram atribuídos socialmente a estes sujeitos, o que leva a exploração do outro pelo outro sempre.

Hogan (2009) explica que as hierarquias são estruturas que trilham e demarcam funções sociais e identidades individuais e coletivas de subserviência. Neste caso, as classes sociais historicamente têm construído seu alicerce em diversos mecanismos de opressão, que, desencadeiam em opressões de corpo, sexo e gênero, principalmente para com a mulher. Assim como no texto de Hogan e das demais autoras supracitadas, eu enquanto pesquisador me esforço na busca dos escritos de classe ainda em uma visão totalizante e única.

Descolonizando os nossos olhares, para além das referências internacionais, há também uma produção sobre as relações de classe e mulher muito marcante na América Latina, em especial no

Brasil. Tornando-se referencial na década de 1960, com seus estudos sobre o lugar da mulher na sociedade de classes, Heleieth Saffioti (2001) compartilha contributos para a compreensão desta categoria.

Saffioti (2001) em uma perspectiva materialista e fincada em categorias marxianas expõe que, uma das necessidades para que as disfunções de classe sejam reforçadas é a necessidade da violência. A autora reforça que esta violência de classe vem através da exploração, da alienação e da coerção. Exploração por que para a manutenção de um status de padrão burguês, é necessário que haja explorados fornecendo força de trabalho. Alienação, pois, ornamentar com sutileza a exploração pode aproximar e tornar amistosa a relação entre opressor e oprimido. Por fim, a coerção, uma vez que quando há quebra de consenso ou de “respeito” é necessária à correção/punição.

Entretanto, o percurso traçado por Saffioti (2001) é de também transpassar elementos do mundo do trabalho e das relações capitalistas que são reproduzidos nas relações entre homens e mulheres, o que desencadeia na reprodução das formas de opressão de gênero, para além da classe. Sendo assim, esta classe complexa é constituída e contornada por inúmeras ligações bastante orgânicas. A classe oprimida se expressa através de sua cor e de seu gênero.

### 1.1 Interseccionalidades: Mulheres, classe, raça e etnicidade

Vivenciando os conflitos históricos de classe e de raça, emerge na metade do século XX outro movimento que protagoniza como a luta de classes pode colorir nossas vidas: falo aqui dos *The Black Panthers Party* – O Partido das Panteras Negras, que, se contrapondo a sociedade racista estadunidense e lutando pela sobrevivência e resistência do povo negro, deixa-nos um legado sobre as percepções de luta de classe e suas interseccionalidades.

Fugindo do cartesianismo humano, ou seja, do fracionamento da compreensão do ser humano, corporifica-se na década de 1970 uma teoria de análises das relações e condições sociais no debate das opressões: a interseccionalidade. Através dos estudos da pesquisadora afroestadunidense Kimberlé Crenshaw (2002) ressignificamos nossos olhares na observância destas relações. A autora evidencia que em nossa sociedade, os percursos históricos alicerçaram três grandes categorias que nos perpassam e se perpassam: **raça/etnicidade, classe e gênero**. Estas por sua vez, além de se interseccionalizarem, elas provocam “tombadas” que potencializam ou criam outros tipos de discriminação e opressão.

Os estudos interseccionais vão se aprofundar na análise dos posicionamentos políticos e na eugenia que os movimentos sociais faziam (e fazem) no quesito combate as opressões. Por exemplo, a mulher negra que se encontra no movimento feminista, é recepcionada e tem como principais referências mulheres brancas e de classe média, porém sendo o grupo interseccionalizado pela condição feminina, as correlações de raça e de classe ganham outras significações sociais e atributos/funções para estas. Ou seja, Crenshaw (2002) não está se dispondo a falar de quem “é mais oprimida”, mas, como esta opressão ocorre e como combatê-la. Crenshaw (1995, p. 12) salienta que:

a parte ativa é o contemporâneo, aquilo que passa por esses sulcos e efetivamente afeta os que estão na interseção. Se uma pessoa estiver no meio de uma interseção, ela poderá prever que ocorrerão colisões nessa interseção e que provavelmente estará no meio dessas colisões.

Neste contexto, mais uma mulher feminista contribuirá para este encaixe teórico sobre classe. Angela Davis (2013) contribui na luta e no debate através de seu livro “Mulher, Raça e Classe”. Arquitetando a história das opressões nos Estados Unidos da América – EUA, Davis (2013) remonta como o perfil histórico de exploração do povo negro serviu para alimentar os anseios da *New England* cristã, branca e pouco piedosa.

Porém, as revoltas pelas questões econômicas e culturais sempre existiram nos EUA e em várias partes do mundo (vide Brasil, tendo como exemplo o maior foco de resistência negra, indígena e de pobres das Américas – o Quilombo dos Palmares na Serra da Barriga – AL). Estes movimentos suscitam espaços de formação e de reconhecimento coletivo, que é outra característica da ideia de classe. Estes espaços de luta se configuram como espaços de autoafirmação e de aprendizagem, principalmente por outro elemento inerente a sociedade capitalista e as classes sociais: os **direitos**.

Davis (2013) elucida que a luta por direitos básicos de sobrevivência ganham substancialidade desde as revoltas no período da América escravocrata. Porém, no passar dos anos, os modelos de produção e as configurações dos modos de exploração, ressignificaram a luta por direitos. Além disso, a modernidade foi conduzindo novas relações sociais e de opressão, e a burguesia, toma campo em determinadas lutas históricas. Um dos maiores exemplos é o movimento das Sufragistas, que reivindicavam o voto feminino, mas que por sua vez, ainda era marcado por posturas racistas e burguesas.

## 1.2 Mulheres: Classe e Gênero

Logo, percorrendo as pistas que Crenshaw (2002) e bell hooks[1] (2015) nos apresentam, é necessário uma descolonização das nossas práticas e pertencimentos identitários, e insto inclui o que tornamos como verdade, corpo, sexo e gênero. A mulher em meio a este turbilhão de intersecções tem o seu corpo como protagonista, falado, censurado e hipersexualizado, e, muitas destas afirmativas são colonizadoras.

Ou seja, descolonizar o gênero também é preciso. A lógica binária e de elaboração de um sujeito “finalizado” também foram importadas na bagagem da ciência eurocêntrica, branca e burguesa. Com isso, nos atentemos que:

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções. É o principal ponto de contato entre o oprimido (a) e o opressor (a). (hooks, 2015, p. 197)

Opressões, orientações, privilégios. Esta teia institucionalizada que advém da complexidade social é banhada por dualismos perversos, dentre eles, o sexismo. Observemos que, este sexismo retroalimenta um ideário misógeno, ou seja, de ogerização da mulher, porém, em contrapartida, há uma necessidade masculinizada de se ter o corpo feminino sob domínio. Por isso ao falar de gênero surgem para além de relações de poder, correlações de opressão, tornando-se necessário a atenção para elas. Este distanciamento que hooks (2015) evidencia é fruto da cisão histórica entre homens e mulheres, bem como, da imposição aos papéis que esta mulher deveria ocupar, dentre eles o de mãe afetiva, esposa submissa e responsável do lar no quesito ordem e moral. Além disso, o machismo constitui uma lança formativa em que homens e mulheres estão suscetíveis a reproduzi-lo.

Neste processo de (des)colonização, tal discussão não envolve aspectos apenas geográficos e territoriais de pólos socioeconômicos, mas, há a necessidade de resgatar a colonização de corpos, incluído, o sequestro e raptura das identidades femininas em meio a todo processo de masculinização da história: o patriarcado e todas suas capilaridades.

É por isso que na busca dos contributos que os estudos de gênero nos oferecem, nós ocupamos um lugar de **estranheza** (Estranhar é preciso!). Chimamanda Ngozi Adimchie (2014) nos apresenta o perigo da história única e as afirmações baseadas em uma verdade que se tem ou que se quer, e que uma destas histórias é o gênero. Com isso, ela afirma que

Gênero não é uma conversa fácil de ter. Ele faz as pessoas se desconfortarem, às vezes até se irritarem. Tanto homens e mulheres são resistentes a falar sobre, ou, rapidamente dispensam os problemas de gênero. Por que, pensar em mudar seu *status quo* é desconfortável” (p.16).

Mas se o gênero é uma categoria humana, que emana e transcende por nós e entre nós, por que tanto desconforto? Bem, como Adimchie (2014) problematiza, o gênero mexe com *status quo*, padrões e identidades colocadas como fixas. O gênero em debate envolve lugares sociais e privilégios, o que acarreta em perder, ganhar, desprender, desapossar, unir e reconhecer a diferença como substância do ser.

O falar, o ouvir, o perceber o outro e estar com este outro é uma permissão, envolvimento ou experiência que se evidencia no campo do currículo. Se assim o é, estes discursos que constituem currículos são marcados por vozes e enunciados emergentes. Reconhecer que as mulheres que estão em evidência nos contributos desta pesquisa devem ser ouvidas e não apenas contabilizadas e fotografadas, mas, que estas vozes ganhem um coro unificado em prol da visibilidade e representatividade neste trabalho.

## Considerações Finais

Nesta trilha constitutiva acerca da categoria gênero, classe e raça/etnia, caminhamos pelo corpo, sexo e poder, mas, as correlações culturais e processos identitários contribuem muito para uma análise histórica global/local. Com isso, Guacira Lopes Louro (1995) considera em seus escritos, que, as identidades femininas e suas relações com mundo do trabalho (em especial as professoras) junto às dinâmicas econômicas e sociais contribuem na sexualização do cotidiano. Todavia, Louro (1995) afirma que o gênero é educativo, logo, processo subjetivo do ser.

O que elas me evidenciam é que, não tem como falar de classes sociais sem compreender que o agrupamento sociocultural e econômico das classes oprimida e dominante necessitam das outras expressões de opressão para subsistir. Sendo assim, falar de classe é falar da percepção de conflitos permanentes que acompanham a vida periférica e as normativas sociais locais que contestam o território da periferia para além do econômico, mas, descartar o *zoom* dos olhares etnocêntricos sobre a periferia e campo marginal é pauta urgente.

Gênero também é ciência, teoria, saberes e experiências, sendo que, estas, de acordo com seu período histórico, também tracejam um tipo de pensamento unitário ou padronizante sobre gênero. Atentemos inclusive que este debate urge do campo da saúde – **psi** – partindo de supostas análises dos “distúrbios” que o corpo em meio ao binarismo sexista impunha, portanto, gênero apresenta-se como uma categoria patologizante e que carrega consigo todas as estranhezas e diferenças que não são admitidas pela sociedade moderna, mas, são remodeladas, ou simplesmente marginalizadas.

O conceito de gênero é capilarizado e se ramifica em inúmeras dimensões do nosso ser e do nosso “se fazer”. Além disso, para além das hierarquias que o pretérito e o presente esbanjam do patriarcado e machismo, as dimensões do gênero e suas relações de poder se interconectam, se afrontam e distanciam-se sempre. Estas interconexões promovem dentro do gênero inúmeros outros tipos de relação de poder, de opressão e de domínio.

---

[1] Gloria Jean Watkins é uma autora, escritora, feminista e professora estadunidense que escreve sobre raça, capitalismo e sexo, considerada uma das referências nas discussões interseccionais. Utiliza em seus escritos o pseudônimo bell hooks (em minúsculo) inspirado no nome de sua avó materna. Disponível em: <http://www.bellhooksinstitute.com/#/about/>

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists**. Vintage Original Ebook, July ,2014. D [http://www.joycerain.com/uploads/2/3/2/0/23207256/we\\_should\\_all\\_be\\_feminists\\_\\_kin\\_-\\_chimamanda\\_ngoz](http://www.joycerain.com/uploads/2/3/2/0/23207256/we_should_all_be_feminists__kin_-_chimamanda_ngoz)

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Plataforma Livre, Portugal, 2013.

GOLDMAN, Emma. **O indivíduo na sociedade**. Edições CNT, Compostella, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ:

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, R Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia**. I Simpósio Sexualidade e Educação Sexual. 20

HOGAN, Deirdre. **Feminismo, classe e anarquismo**. Faisca Publicações Libertárias, 2009.

hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Bra abril de 2015. Disponível em: : <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>

LORDE, Audre. **Sister outsider**. Freedom, CA: The Crossing Press, 1984.

RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Mujeres Libres da Espanha: documentos da Revoluç** Editora Achiamé. São Paulo, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu, São F

SAFFIOTI

TESOURAS PARA TODAS. **Textos sobre violência machista nos movimentos sociais**. Editora Subta. Ediç 2009. Edição Brasileira, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Makson/Downloads/tesouras%20para%20toc> Acesso em setembro de 2017.

Gloria Jean Watkins é uma autora, escritora, feminista e professora estadunidense que escreve sobre raça, capitalismo e sexo, considerada uma das referências nas discussões interseccionais. Utiliza em seus escritos o pseudônimo bell hooks (em minúsculo) inspirado no nome de sua avó materna. Disponível em: <http://www.bellhooksinstitute.com/#/about/>

Doutorando em Educação pelo PPGE-UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação- CNPq/UFAL. Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca.

[1] Doutoranda em Educação pelo PPGE-UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação- CNPq/UFAL. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió.